



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CAMPUS V
CENTRO DE CIÊNCIAS BIOLÓGICAS E SOCIAIS APLICADAS
CURSO DE RELAÇÕES INTERNACIONAIS**

LARISSA CAMELO PONCE LEON NORONHA

**INTOLERÂNCIA RELIGIOSA OU SEXISMO? VISÕES DAS MULHERES BELGAS-
TURCAS SOBRE ISLAMOFOBIA NA BÉLGICA**

**JOÃO PESSOA
2017**

LARISSA CAMELO PONCE LEON NORONHA

INTOLERÂNCIA RELIGIOSA OU SEXISMO? VISÕES DAS MULHERES BELGAS-TURCAS SOBRE ISLAMOFOBIA NA BÉLGICA

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Graduação em Relações Internacionais da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito parcial à obtenção do título de bacharel em Relações Internacionais.
Área de concentração: Relações Internacionais.

Orientador: Profa. Dra. Sílvia Garcia Nogueira

JOÃO PESSOA
2017

É expressamente proibida a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano da dissertação.

N822i Noronha, Larissa Camelo Ponce Leon
Intolerância religiosa ou sexismo? visões das mulheres belgas-turcas sobre islamofobia na Bélgica [manuscrito] / Larissa Camelo Ponce Leon Noronha. - 2017.
36 p. : il. color.

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Relações Internacionais) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Ciências Biológicas e Sociais Aplicadas, 2017.

"Orientação: Profa. Dra. Sílvia Garcia Nogueira, Departamento de Relações Internacionais".

1. Bélgica. 2. Feminismo pós-colonial. 3. Islamofobia I.
Título.

21. ed. CDD 325

LARISSA CAMELO PONCE DE LEON NORONHA

INTOLERÂNCIA RELIGIOSA OU SEXISMO? VISÕES DAS MULHERES BELGAS –
TURCAS SOBRE ISLAMOFOBIA NA BÉLGICA

Monografia apresentada ao Curso de Relações
Internacionais da Universidade Estadual da
Paraíba.

Aprovado(a) em 10 / 09 / 2017

Sílvia Garcia Nogueira/UEPB
Orientador(a)

Jeanne Silva de Freitas/UEPB
Examinador(a)

Muello Mesquita Melo e Silva/UEPB
Examinador(a)

AGRADECIMENTOS

Agradeço, primeiramente, aos meus avós Luzia e Linduarte. Sem eles, a estrada até aqui teria sido impossível. Eles sempre foram meu guia, meu alicerce, meu espelho, especialmente minha querida voinha, que nunca mediu esforços para me ver feliz e realizada.

Ao meu pai, Leonardo Noronha, que sempre foi um exemplo para mim. Apesar de nossas desavenças, a sua importância em minha vida e em minhas decisões é incontestável. Obrigada por sempre me incentivar a ser alguém melhor.

A minha mãe Sônia Maria, que embora distante, se faz presente em minhas lutas diárias. Agradeço por estar sempre ao meu lado e se preocupar comigo.

À Camilla, que foi a peça mais importante durante todo esse processo. Obrigada pela paciência, pelas palavras de apoio, pela companhia, pelo amor. Sem você nada disso teria sido possível. Obrigada, acima de tudo, por me amar e me aceitar do jeito que sou. Espero que tenha consciência da reciprocidade desse sentimento.

Aos meus tios, Afra e Gilvan, que são tios, padrinhos e pais pra mim. Obrigada por nunca desistirem de mim e por sempre se fazerem presentes. Vocês são a parte bonita da família e me fazem acreditar que não estou sozinha. Obrigada por todo o amor.

A Pietra, Ophelia, Steve, Aurora e Valentina, que apesar de não falarem uma palavra com a boca, falam muito com o coração. Obrigada por estarem presentes em minha vida, independente do meu humor. Todo o carinho, lambida, ou bagunça que vocês fazem enche meu coração de alegria. Sem dúvidas, vocês são tudo o que tenho de mais especial.

Aos meus amigos Belgas, principalmente aos meus pais do coração, Nicole e Ludo, que de certa forma me ajudaram durante toda a minha vida acadêmica e pessoal. Obrigada por se fazerem presentes mesmo com um oceano nos separando.

A Luis, que é meu ponto de paz. Obrigada por me entender (ou pelo menos tentar). A sua amizade é algo que guardo e preservo. Agradeço por todas as nossas conversas e momentos juntos.

Aos meus amigos de curso, especialmente Edith Larissa, e toda a minha turma que está comigo desde o início. Agradeço por toda a ajuda e paciência, esses últimos momentos

teriam sido impossíveis sem vocês. A leveza fez parte dos nossos dias e tornou tudo mais fácil.

A orientação da professora Sílvia Garcia Nogueira, pessoa que admiro e me espelho. Suas aulas moldaram meu pensamento durante o curso, me ensinando coisas que trago hoje para a vida.

À amizade e carinho do professor Murilo Mesquita, que me ajudou durante todo o curso. Agradeço pela paciência comigo e principalmente por ter sido um verdadeiro amigo.

A todos os professores que passaram pela minha vida acadêmica, em especial a Elia, Paulo Kuhlmann, José Carlos de Assis e Neila Venâncio.

A todos os meus amigos que estiveram presentes durante minha vida acadêmica e pessoal, acreditando em mim e me apoiando.

RESUMO

Pretende-se neste artigo abordar a configuração da islamofobia na Bélgica contra as mulheres belgas turcas, a partir de uma análise feminista pós-colonial. Partindo do pressuposto que essas mulheres precisam falar por si mesmas, esta pesquisa busca analisar as percepções das belgas turcas sobre a discriminação no país. Os últimos anos representaram um aumento no número de casos envolvendo crimes islamofóbicos e as mulheres vêm sendo as principais vítimas, levando à crença de que por trás da intolerância religiosa, há também um discurso sexista e misógino. Através da aplicação de um questionário online enviado a 15 mulheres, esse método justifica-se por tentar dar visibilidade às opiniões das mulheres belgas turcas sobre a configuração da Islamofobia na Bélgica. Este artigo está dividido em três partes: na primeira são apresentados alguns aspectos teóricos do feminismo nas relações internacionais, em especial o feminismo pós-colonial. Na segunda, tem-se uma pequena contextualização histórica da presença turca na Bélgica e um estudo sobre a islamofobia de gênero. Na terceira, há uma análise dos dados quantitativos e qualitativos obtidos por meio do questionário online, fazendo associação destes com as teorias então estudadas. Conclui-se com a apuração dos dados que há uma configuração de islamofobia de gênero na Bélgica.

Palavras-Chave: Bélgica. Feminismo Pós-Colonial. Islamofobia.

ABSTRACT

This article intends to address the configuration of Islamophobia in Belgium against Turkish-Belgian women, based on a post-colonial feminist analysis. Based on the assumption that these women need to speak for themselves, this research seeks to analyze the perceptions of Turkish women about discrimination in the country. The last few years have represented an increase in the number of cases involving Islamophobic crimes and women have been the main victims, leading to the belief that behind religious intolerance there is also a sexist and misogynist discourse. Through the introduction of an online questionnaire sent to 15 women, the research aims to give visibility to the opinions of Turkish Belgian women on the configuration of Islamophobia in Belgium. This text is divided into three parts: the first part presents some theoretical aspects of feminism in International Relations, especially Post-Colonial Feminism. In the second part, there is a small historical context of the Turkish presence in Belgium, as well as an analysis of Gender Islamophobia. In the third part, there is an analysis of the quantitative and qualitative data obtained through the online questionnaire, associating its final results with the theories then studied. It concludes with the data obtained with the questionnaire that there is a configuration of gender islamophobia in Belgium.

Keywords: Belgium. Islamophobia. Post-Colonial Feminism.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	07
2 O FEMINISMO NAS RELAÇÕES INTERNACIONAIS: UMA ANÁLISE DO FEMINISMO PÓS COLONIAL.....	10
3 A COMUNIDADE BELGA-TURCA E AS MULHERES.....	15
4 ISLAMOFOBIA NA BÉLGICA: UMA ISLAMOFOBIA DE GÊNERO	18
4.1 Questionário Online	22
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	29
REFERÊNCIAS	32

1 INTRODUÇÃO

A Bélgica está situada no coração da Europa e sua capital, Bruxelas, é o centro administrativo e político do continente, sendo sede do Parlamento Europeu e de outras importantes instituições e organizações internacionais, a exemplo da OTAN. O país foi um dos fundadores do bloco econômico BENELUX¹, junto com Luxemburgo e Holanda, além de também ter sido membro fundador da União Europeia. Sofreu fortes influências culturais e linguísticas de seus vizinhos, França e Holanda, e a consequência dessas influências levou à sua divisão em três regiões: Valônia, Flandres e Bruxelas-Capital². A Bélgica goza de uma posição geográfica vantajosa por ser localizada no centro do continente e este é um dos fatores que atrai e continua atraindo imigrantes que buscam uma nova qualidade de vida. Estima-se que sua população estrangeira é de 890.000 estrangeiros, e sua população total é de 11.200.000 habitantes (ENAR, 2016).

Os fluxos migratórios para a Bélgica tiveram início após a Segunda Guerra Mundial. A necessidade de recrutamento de força de trabalho estrangeira para as empresas mineradoras foi um fator definitivo para o nascimento da política migratória belga. Inicialmente, eram recrutados indivíduos oriundos de países do leste europeu, entretanto, o cenário mudou durante a década de 1960, quando o país passou por uma nova onda migratória, que resultou na entrada de mais de 260.000 estrangeiros em seu território (KAYA, 2005, p.17). Em meio a essa nova onda migratória, o Governo Belga decidiu assinar acordos com a Turquia e Marrocos a fim de recrutar indivíduos para trabalhar em suas indústrias. Em 1964, através de um acordo bilateral, a Bélgica faz um pedido oficial de recrutamento de trabalhadores Turcos.

Por isso, a migração turca na Bélgica foi muito intensa durante a década de 1960 e o fluxo continuou durante as décadas seguintes. Em 1980, a imigração belga era basicamente

¹ A União Benelux refere-se à união política, cultural e econômica de três Estados da Europa Ocidental: a Bélgica, os Países Baixos Luxemburgo. O nome Benelux é derivado da combinação das duas ou três primeiras letras dos nomes de cada um desses estados constituintes. A União Benelux é uma das mais antigas uniões econômicas do mundo. O sindicato foi criado para promover a cooperação e a integração econômica nos Estados membros (World Atlas 2017).

² A Bélgica é dividida entre três regiões (Flandres, Valônia e Bruxelas-Capital). Essas três comunidades possuem fatores linguísticos e culturais diferentes. Existem três idiomas oficiais no país: Flamenco, Francês e Alemão. Flandres possui o idioma flamenco como oficial e a população é de aproximadamente 6 milhões de pessoas. A Valônia tem uma população de cerca de 3,5 milhões e o francês como língua oficial. O alemão é a língua falada por apenas 70.000 pessoas. A capital Bruxelas é bilíngue, com cerca de 1 milhão de habitantes. Mais informações acessar: http://europa.eu/european-union/about-eu/countries/member-countries/belgium_en

constituída por turcos e marroquinos e estes eram, em sua grande maioria, muçulmanos. À medida que ingressavam no país, comunidades turcas se formavam e a presença do Islã ganhava cada vez mais força. Estas comunidades se espalhavam pelas partes industriais das regiões de Flandres, Valônia e Bruxelas-Capital. Os locais onde as comunidades se instalavam eram separados da sociedade local, ocasionando em pouca ou quase nenhuma interação com a mesma.

Com um maior número de turcos imigrando para a Bélgica, a presença muçulmana no país ganhava cada vez mais força. O Islã foi reconhecido por lei como uma das religiões oficiais em 1974. Atualmente, existem cerca de 300 mesquitas espalhadas pelo país e o Islã representa a segunda maior religião, logo após a católica, com uma estimativa de 250.000 a 400.000 pessoas com um histórico muçulmano (MANÇO, 2000, p. 27). A Anistia Internacional da Bélgica concluiu que 55% dos muçulmanos possuem nacionalidade belga (ENAR, 2016).

Todavia, simultâneo ao processo de institucionalização da religião, o aumento de casos de islamofobia se tornava um problema eminente. Em 2014, o Inter-Federal Center coletou 297 casos envolvendo discriminação religiosa, constatando que 9 a cada 10 casos envolviam o Islã. Já o The Muslim Rights Belgium (MRB), no mesmo ano, constatou 696 casos de islamofobia, onde 26% desses envolviam trabalho, 20% educação, 20% relações privadas, 13% cultura e mídia, 11% acesso a bens e serviços, 3% redes sociais, 2% agressão física e verbal, 2% instituições, administrações e corpos públicos e 2% envolvendo outros domínios. Do número total de casos, 73% destes envolveram mulheres e 41% foram relacionados ao uso de lenços ou véus (MRB, 2014, pp.14-15). Vale ressaltar ainda que muitos casos não são registrados. O Collective Against Islamophobia in Belgium (CCIB, 2016) define islamofobia nos seguintes termos: "Atos discriminatórios, ou violência contra instituições e indivíduos, baseados em suas afiliações, reais ou imaginárias, com o Islã. Estes atos são provocados por ideologias e discursos que criam hostilidade e rejeição de Muçulmanos" (EIR, 2015, p. 54).

Apesar de o fenômeno ser algo enfrentado por grande parte dos muçulmanos, recentes estudos indicaram que as mulheres são as que mais sofrem com esse fenômeno. Existem cerca de 5.703.950 mulheres na Bélgica, e 450.000 delas são estrangeiras (ENAR, 2017). Dos levantamentos feitos pelo MRB, 73% dos casos de islamofobia envolveram mulheres, e 41% destes foram devido ao uso do véu. Observou-se ainda que 82% das vítimas de violência verbal e física foram mulheres usando o véu. O CCIB constatou que 63,6% dos crimes de islamofobia

e ofensa registrados entre Janeiro de 2012 e Setembro de 2015 envolveram mulheres³. O Relatório Europeu de Islamofobia (EIR) também constatou que mulheres foram os principais alvos de casos de islamofobia, especialmente devido a suas vestimentas (ENAR, 2016).

A comunidade turca, como uma das maiores e mais fortes comunidades estrangeiras dentro da Bélgica, e tendo a presença do islamismo bastante visível, é alvo de muitos casos de islamofobia e violência. As mulheres belgas turcas, que quase em sua totalidade são muçulmanas, são as principais vítimas desse tipo de discriminação dentro da comunidade em que estão inseridas. A consequência dessas atitudes negativas reverbera em diversos aspectos de suas vidas sociais seja no campo profissional ou pessoal. Dados disponibilizados pelo relatório de Kaya e Kentel, sobre a relação entre belgas-turcos, constata que em comparação aos homens, as mulheres enfrentam maiores níveis de desemprego e de falta de oportunidades. Amiano (2012, p.9) em “Feminismo e Piedade”, analisa que essa islamofobia contra mulheres pode ser entendida como uma *Islamofobia de Gênero*, estando ligada diretamente a questões sexistas: "Islamofobia de gênero é um termo que se refere a atitudes islamofóbicas e xenofóbicas misturadas com discursos sexistas⁴ e misóginos⁵ que oprimem, discriminam e ameaçam com uma preferência negativa por mulheres muçulmanas do que por homens muçulmanos”.

A narrativa da islamofobia contra as mulheres pode ser entendida como enraizada no colonialismo, pois está repleta de diversas formas de violência de gênero como parte de paradigmas coloniais e misóginos, além da forte influência do fator patriarcal. Estas questões vêm levantando debates dentro do contexto das Relações Internacionais, principalmente por serem identificadas como um tipo particular de violência de gênero enraizado no colonialismo. O pós-colonialismo trata de classes, gêneros e raça, questões que ainda persistem e moldam as relações de poder no sistema internacional. Dessa forma, a islamofobia contra as belgas turcas deve ser analisada não apenas sob uma óptica feminista ocidental, que acaba universalizando e homogeneizando as mulheres dentro de uma óptica eurocêntrica, mas também através de um olhar pós-colonialista, que entenda que as mulheres são heterogêneas e estão situadas dentro de contextos históricos e culturais diferentes. A junção das duas teorias para analisar o caso

⁴ Dá-se o nome de sexismo à discriminação que é exercida sobre um indivíduo pelo seu sexo. Isto significa que a pessoa é discriminada num determinado âmbito, uma vez que se considera que o seu gênero (sexo), tendo em conta as características, é inferior ao outro. Mais informações acessar: <http://conceito.de/sexismo#ixzz4eWMgtdGx>

⁵ A misoginia é entendida como uma repulsa, um ódio ou aversão contra as mulheres, por isso está relacionado a tudo que tenha a ver com o mundo feminino. Mais informações acessar: <https://conceitos.com/gentrificacao/>

específico é a fórmula mais adequada de dar voz ao problema das mulheres belgas turcas muçulmanas.

Este trabalho pretende analisar as visões da islamofobia na Bélgica a partir do olhar das mulheres belgas turcas. Dessa forma, esta pesquisa visa, através de um embasamento teórico centrado no Feminismo Pós-Colonial, discutir as principais causas da violência de gênero e racial contra essas mulheres. Para tanto, a pesquisa irá utilizar de um método de questionário online, no qual entrevistas com 15 mulheres belgas-turcas indicam quais os posicionamentos destas sobre o preconceito contra sua religião, e em que medida isso atinge suas vidas, seus trabalhos e suas relações sociais.

2 O FEMINISMO NAS RELAÇÕES INTERNACIONAIS: UMA ANÁLISE DO FEMINISMO PÓS COLONIAL

A questão de gênero nas Relações Internacionais é inserida dentro do então "terceiro debate" entre os Positivistas e os Pós-Positivistas. Com o fim da Guerra Fria e os avanços dos efeitos da Globalização, a agenda internacional foi ampliada, e é justamente nesse contexto que as abordagens feministas encontram notoriedade no campo internacional. Segundo Tickner e Blaney (2013), foi durante o início da década de 1990 que o feminismo começou a ter força no contexto internacional.

Segundo Nogueira e Messari (2005), as abordagens feministas nas Relações Internacionais buscam dar espaço a questões que envolvem as mulheres, representando então uma forma de rever algumas premissas presentes nas teorias *mainstream*. O enfoque feminista tem como finalidade repensar a hegemonia masculina presente na política internacional, a partir de um entendimento de que conceitos clássicos das RI, como poder, Estado, soberania e segurança, desconsideram a especificidade feminina e se consolidam como uma construção inteiramente masculina. Segundo Ann Tickner (1992, p.3):

Masculinidade e política têm uma associação longa e estreita. Características associadas à 'masculinidade' tais como dureza, coragem, poder, independência e até força física, vêm sendo, ao longo da história, as condutas políticas mais valorizadas, principalmente na política internacional.

O sentimento de desigualdade entre homens e mulheres no âmbito internacional é o foco de autoras feministas, a exemplo de Ann Tickner e Laura Sjoberg (2013) e Halliday (1999). Essas autoras defendem que a situação das mulheres deve ser levadas ao nível internacional, quebrando então a dicotomia entre o espaço público e o privado, que implica na separação do direito entre duas esferas: a pública, que corresponde aos Estados e portanto às Relações Internacionais; e à privada, que engloba a sociedade e os indivíduos. Dessa forma, as abordagens feministas buscam uma resposta para as questões de gênero nas Relações Internacionais, procurando repensar características inerentes ao conceito de Estado, além de dar um maior enfoque às mulheres e suas necessidades.

A questão de gênero se desenvolveu dentro do campo das RI e as abordagens feministas foram essenciais para isso. Todavia, é importante frisar que o termo "abordagens" no plural refere-se ao fato de que há uma diferenciação entre os feminismos nas Relações Internacionais. Todas as vertentes tratam das questões de gênero, mas divergem quanto aos viés de estudo. Para o estudo da Islamofobia com relação às belgas turcas, o Feminismo Pós-Colonial é o mais adequado, pois trata da mulher enquanto ser colonizado. Entende-se que o Feminismo Islâmico também é apropriado para tratar do contexto das mulheres belgas turcas muçulmanas, pois este considera os movimentos feministas que ocorrem dentro do próprio Islã. Entretanto, por serem mulheres não-ocidentais dentro do Ocidente, a vertente feminista pós-colonial se sobressai para esse estudo específico por ser um quadro de análise que enxerga essas mulheres de "fora" para "dentro", ou seja, leva em consideração a maneira como estas são vistas externamente pela sociedade hospedeira mais do que as interações internas da própria comunidade.

Uma das críticas Pós-coloniais ao Feminismo Ocidental ou Clássico parte da percepção de que a mulher não pode e nem deve ser homogeneizada, ou seja, universalizada a partir de uma visão eurocêntrica. Essa abordagem ocidental é rejeitada por Mishra (2012) e Mohanty (1991), que criticam tanto a homogeneização quanto a universalização das mulheres e de suas experiências. Isso se deve ao fato de que as mulheres vivem realidades distintas, tanto em seus contextos históricos quanto culturais.

Atos xenofóbicos estão diretamente ligados a estereótipos. Pereira (2002) define o conceito como “crenças compartilhadas sobre atributos pessoais, especialmente traços de personalidade, como também sobre os comportamentos de um grupo de pessoas”.⁶ Logo,

⁶ PEREIRA, M. E. Psicologia social dos Estereótipos. São Paulo: E.P.U, 2002.

estereótipos são carregados de juízos de valor pré-concebidos, gerando um pré-conceito sobre o que o “outro” representa.

A interpretação do “outro” a partir de estereótipos acaba limitando determinados grupos sociais dentro de julgamentos que são compartilhados pela sociedade. A Islamofobia contra as mulheres se encontra nesse contexto: estas são estereotipadas, limitadas, pré-julgadas e, conseqüentemente, marginalizadas. São desconsiderados os seus fatores históricos e culturais. A visão eurocêntrica da mulher acaba por ser um dos catalisadores de práticas islamofóbicas.

Bahri (2013) defende que os estudos feministas e estudos pós-coloniais às vezes se encontram em uma relação mutuamente investigativa e interativa entre si, e isso acontece especialmente quando as perspectivas feministas ignoram alguns assuntos que são pertinentes ao pós-colonialismo, ou, por outro lado, quando os estudos pós-coloniais ignoram a questão de gênero em sua análise. Logo, a junção dessas duas teorias busca analisar as peculiaridades de cada mulher, através de uma perspectiva multidisciplinar que envolve questões não apenas de gênero. Segundo Mishra (2012, p.131): "O Feminismo Pós-Colonial explora especificamente, e em diferentes contextos, a vida, trabalho, identidade, sexualidade e direito das mulheres à luz do colonialismo e neocolonialismo e com base no gênero, nação, classe, etnia e sexualidades".

O Feminismo Pós-Colonial busca analisar as mulheres dentro de um quadro que as entende como seres colonizados e do terceiro mundo. Shital (2012) afirma que o colonialismo e o patriarcalismo têm estado entrelaçados ao longo da história e que o fim dele não significa o fim da opressão das mulheres, pois elas continuam sendo marginalizadas e estereotipadas. Bahri (2012) defende que a situação da mulher, mesmo que na fase pós-colonial, continua a importar para muitos pesquisadores porque as circunstâncias atuais da globalização e o domínio do capitalismo no mundo acabam influenciando ainda mais a situação destas: “as questões de gênero são, desse modo, inseparáveis do projeto da crítica pós-colonial” (p.661).

Não se pode falar de Feminismo Pós-Colonial sem citar Spivak (1986), que traz à discussão questionamentos de extremo valor para os estudos pós-coloniais. A autora entende as mulheres do terceiro mundo como subalternas, ou seja, sujeitos que não são reconhecidos por discursos políticos dominantes. Em sua obra *Pode o Subalterno Falar?*, sugere algumas considerações que levam aos seguintes questionamentos: “quem pode falar e por quem?”; “quem ouve?”; “como se representa a si e aos outros?”. Essas questões são essenciais para que se tenha uma melhor representatividade dessas mulheres, atentando para o fato de que a realidade das mulheres muçulmanas é distinta da realidade das belgas. Monshipouri (2004, p.188) aponta para três desafios enfrentados por essas mulheres:

As mulheres muçulmanas enfrentam, simultaneamente, três desafios. Em primeiro lugar, elas representam uma identidade islâmica que, com frequência, está em conflito com regimes políticos modernos e com as elites dos Estados. Em segundo lugar, elas devem lutar contra os fundamentalistas islâmicos, cuja idéias, instituições e objetivos são por elas rejeitados com veemência. Por fim, e tão importante quanto os desafios, elas enfrentam no dia-a-dia a cultura patriarcal dominante nos lugares onde vivem.

De uma maneira geral, o feminismo pós-colonial contribui para destacar as produções acadêmicas das mulheres do terceiro mundo. Entretanto, vai além ao buscar ultrapassar o conhecimento eurocentrado e hierárquico, desafiando a produção ocidental que tende a ver e analisar as mulheres colonizadas como as “outras”, abstando-se de suas subjetividades. A luta dessas mulheres pela sobrevivência é por vezes esquecida e deixada de lado pela produção feminista ocidental. Um dos fatores mais importantes é que as mulheres não formam um grupo sólido e homogêneo, pelo contrário, fazem parte de realidades distintas, com valores e entendimentos também distintos. É errôneo tentar enxergá-las dentro de um único quadro e principalmente de acreditar que o problema de uma mulher belga branca é o mesmo de uma mulher que é de origem turca, migrante e negra. Bahri (2013) defende que é imprescindível que as questões de raça e de localização sejam consideradas ao lado de questões de gênero.

Spivak (1986), Mohanty (1991) e Mishra (2012) defendem que uma alternativa para desmistificar o poder é a partir de uma análise onde a mulher é vista através de uma óptica diferente, preservando suas experiências e seu contexto. O feminismo pós-colonial busca desconstruir essas questões de universalização e homogeneização do feminismo ocidental que contribuem para criação de estereótipos e, conseqüentemente, para questões ligadas a esse conceito limitador.

Hasan (2012) defende que uma das principais características da Islamofobia é a caracterização do Islã como misógino e opressivo às mulheres. O Ocidente, através de estereótipos, passa a ver a religião como retrógrada e opressiva, criando uma disparidade entre o Ocidente que é sinônimo de liberdade contra o Islã que oprime. Essa ideia está ligada ao conceito de Orientalismo de Edward Said (1978), ou seja, o entendimento de que o Ocidente é superior ao Oriente. Esse etnocentrismo cria estereótipos em relação à cultura oriental, que passa a ser vista como inferior e negativa.

Bjoernaas (2015), em sua análise sobre o uso do véu, chegou à conclusão de que “o entendimento de que o Islã oprime e subjuga as mulheres aos homens torna a Islamofobia um fenômeno auto-justificativo”. O uso do véu acaba ilustrando essa ideia na prática, pois as

feministas ocidentais acabam entendendo e apontando que o uso desse é uma prova da opressão das mulheres. O uso do véu foi apontado como a causa principal das mulheres serem as maiores vítimas da islamofobia. O fato de elas serem mais facilmente identificadas contribui para as disparidades entre homens e mulheres no que concernem essas práticas xenofóbicas. Por outro lado, a questão do véu também está relacionada à linguagem feminista que tenta justificar a islamofobia, partindo de preceitos de que o “diferente” não é compatível com o “conhecido, o referente”. Bjoernaas (2015, p.82): "Como em tempos coloniais, a linguagem feminista ocidental é usada para justificar a proibição do véu como meio para salvar as mulheres muçulmanas de um código de vestimenta opressor que reflete uma ordem social patriarcal”.

Ao afirmar que as mulheres são as principais vítimas da Islamofobia, não implica dizer que os homens também não sofrem com a situação. Eles também são vítimas e sentem os impactos negativos da xenofobia em suas vidas. Entretanto, a atenção às mulheres dá-se pelo fato de que as mesmas enfrentam desafios diferentes quando comparadas aos homens. Estes desafios estão muitas vezes ligados à questões patriarcais que continuam a oprimir mulheres. A problemática dessa situação reside na crença por parte de alguns movimentos feministas ocidentais que, segundo Weedon (2000), tendem a enxergá-las como ignorantes e de religiões e culturas restritivas que precisam de salvação.

É nesse ponto que o Feminismo Pós-Colonial pretende trabalhar: na desconstrução da universalização ocidental que entende os problemas das mulheres como comum a todas. É importante que estas sejam entendidas dentro de suas próprias experiências, realidades, contextos históricos, culturas, religiões, espaços geográficos, e nunca tratando exclusivamente de questões de gênero, mas também considerando outras, como raça, etnias, sexualidade e classes.

As mulheres belgas turcas não devem e nem podem ser vistas a partir do mesmo quadro de análise das belgas, porque elas são antes de tudo muçulmanas, imigrantes e não ocidentais. Elas são subalternas e colonizadas e devem ser representadas de maneira adequada, respeitando suas próprias vivências e escolhas.

3 A COMUNIDADE BELGA-TURCA E AS MULHERES

Antes da chegada dos turcos à Bélgica na década de 1960, o país já apresentava um grande número de imigrantes em seu território, sendo a maior parte deles oriundos de países

como Polônia, Hungria, Marrocos, Itália e Argélia. A crise mundial de 1929 afetou a economia, levando ao fim desse movimento. Em 1936, o Reino da Bélgica decreta o estabelecimento de uma permissão de trabalho, procurando proteger o seu mercado de uma possível invasão estrangeira. “A imigração de trabalho foi então percebida como sendo uma força de trabalho adicional que iria suprir temporariamente o déficit no trabalho local” (KAYA, 2007, p.17).

Após a Segunda Guerra Mundial, a Bélgica continuou a receber imigrantes trabalhadores, os então conhecidos como *guest workers*. Entretanto, nos anos 1960 o governo belga decidiu assinar um acordo bilateral com a Turquia e Marrocos a fim de recrutar força de trabalho para sua indústria. Em 1964, a Bélgica fez um pedido oficial de recrutamento de turcos através de um acordo bilateral. Estima-se que durante a década de 1960 mais de 260.000 estrangeiros entraram no país e a maioria desses estrangeiros eram muçulmanos e de nacionalidade turca (KAYA, 2007).

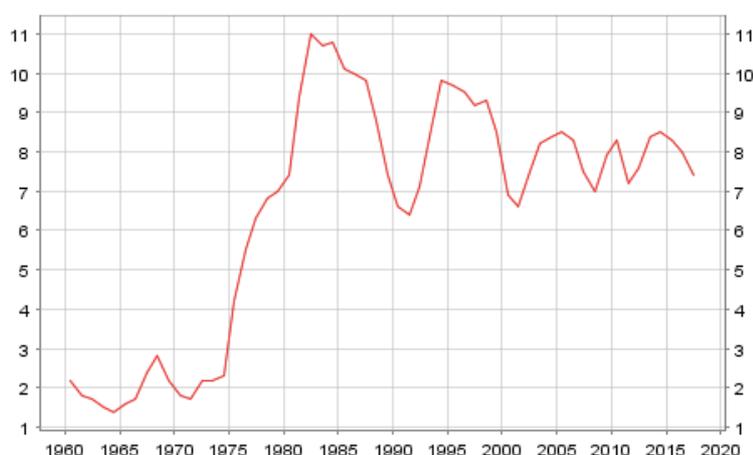
O ano de 1967 significou o fim na permissão de vistos de trabalho para turistas e essa situação deu brecha para que se iniciasse o processo de migração clandestina. Em 1973, a Bélgica declara o fim de qualquer tipo de imigração baseada em trabalho. Mommen (2002) cita que o declínio da indústria de aço e carvão, que vinha desde o fim da década de 1950, provocou um aumento nas taxas de desemprego. Trabalhadores turcos que já estavam no país ficaram desempregados e estes encontravam ainda mais dificuldades para se adaptar ao mercado, visto que não eram capazes de se comunicar em Flamenco ou Francês. Segundo Wets (2012, p. 85):

Entretanto, apesar do fato de as oportunidades de trabalho terem se encerrado e de parecer não haver mais futuro para estes, a imigração não parou. Os marroquinos e os turcos continuaram no país e, apesar de existir uma pausa na migração de trabalho, novos imigrantes do Marrocos e da Turquia continuaram entrando no país através do processo de reunião familiar e de formação de família.

Durante os anos 1980, a imigração para a Bélgica era formada quase em sua totalidade por Marroquinos e Turcos. Comunidades turcas iam se estabelecendo e se acomodando nas regiões industriais de Flandres, principalmente nas províncias de Limburgo e Gent. Estas comunidades iam se segregando do resto da sociedade, criando um problema social. Ayhan Kaya (2007, p.19) observa que, “estas comunidades se centravam separadas da sociedade belga, tanto socialmente quanto culturalmente, estabelecendo pouca ou quase nenhuma naturalização e onde os migrantes e seus descendentes tendiam a serem vistos como temporários e distintos culturalmente”.

Simultâneo a esse processo, o grau de desemprego do país ia aumentando. O gráfico a seguir indica uma estatística do nível de desemprego no país desde a década de 1960. As escalas abaixo correspondem ao valor de desemprego em percentual. Observa-se que entre 1980 a 1985, o nível de desemprego no país era de quase 11%.

Gráfico 1 - Taxa de Desemprego Total na Bélgica



Fonte: Banco Central Europeu: Belgium - Unemployment rate: total :- Member States: definition EUROSTAT

O governo iniciou, ainda que sem sucesso, uma política de incentivo ao retorno dos imigrantes para suas casas. A percepção de que esta medida não foi adequada levou à busca das autoridades por uma política inversa, ocasionando na substituição do Código de Nacionalidade em 1984⁷, que introduzia o princípio do *jus soli*, ou seja, a criança nascidas em território belga e filhas de pais estrangeiros, tornaria-se cidadã belga. Wets (2012, p.94) ressalta que:

Embora simplificado, o processo de naturalização ainda exigia indivíduos para demonstrar um 'desejo de integrar'. O número de aplicações duplicou o ano após a adoção da nova lei. O Código da Nacionalidade foi revisado novamente e aprovado em seu novo formulário em 1º de março de 2000. Desde então, estrangeiro que resida legalmente durante pelo menos sete anos na Bélgica e que tenha autorização de residência pode tornar-se belga com uma simples declaração sem checar o seu 'desejo de integrar'.

Com a aquisição da nacionalidade belga, os turcos de segunda geração passaram a ser chamados de belgas-turcos, passando esse título para as novas gerações. Os belgas turcos, cujas

⁷ Disponível em:

http://www.coe.int/t/dghl/standardsetting/nationality/Bulletin_en_files/Belgium%202004%20E.pdf

raízes migratórias com o país datam de mais de 50 anos, ainda enfrentam uma série de dificuldades ligadas a problemas de integração refletidos em questões como desemprego e racismo. Apesar desses desafios serem enfrentados pelos indivíduos em geral, foi analisado, através dos dados disponibilizados pelo MRB (2015), EIR (2015), ENAR (2016), CCIB (2014), que existe um maior grau de desvantagem para as mulheres. Levecque (2008) concluiu que existe uma grande dimensão de gênero no mercado de trabalho, resultando em um baixo nível de atividade para as mulheres turcas. Ayhan Kaya (2007), em sua pesquisa conduzida com turcos na Bélgica, concluiu que de um total de 199 mulheres entrevistadas, 31% delas mencionavam o desemprego como sendo o principal, contra 17% das que consideravam a falta do idioma Flamenco como o mais importante. As que citaram o desrespeito contra sua consciência turca eram 8%, assim como as que declaravam dificuldade em serem capazes de proteger seus idiomas e cultura.

As disparidades de desvantagens entre homens e mulheres belgas turcos vão além de questões relacionadas ao trabalho. Levecque (2008) ressalta uma grande correlação entre diferenças de gênero e problemas psicológicos (depressão e ansiedade) na população dos imigrantes na Bélgica (p.194). Os dados do MRB (2015), EIR (2015), ENAR (2016), CCIB (2014) mostram que as mulheres são as principais vítimas de casos envolvendo islamofobia e não deixam dúvidas de que as mulheres turcas enfrentam mais problemas que os homens em diversas esferas da vida social. Essa situação só ressalta o fato de que é imprescindível que exista uma análise que aborde questões de gênero. O foco na islamofobia de gênero permite analisar, de uma maneira mais direta, os desafios enfrentados pelas mulheres turcas muçulmanas, que sofrem discriminação religiosa, com traços do sexismo e da misoginia.

4 ISLAMOFOBIA NA BÉLGICA: UMA ISLAMOFOBIA DE GÊNERO

No ano de 2015, foram coletados 696 casos de Islamofobia na Bélgica (MRB, 2014). Esse número envolve apenas casos que foram registrados, sendo importante salientar que muitos dos crimes não são levados ao conhecimento dos órgãos responsáveis e, portanto, não são contabilizados. Crimes islamofóbicos estão cada vez mais frequentes no país e os eventos ocorridos envolvendo o Estado Islâmico, além dos ataques terroristas que se sucederam em Bruxelas em 2016, tendem a agravar ainda mais a situação.

A islamofobia está intrinsicamente relacionada ao conceito de Orientalismo de Edward Said (1978), ou em outras palavras, à crença de que o Ocidente é superior ao Oriente. Para Edward Said (1978, p.17): “a relação entre o Ocidente e o Oriente é uma relação de poder, de dominação, de graus variados de uma complexa hegemonia”. Nesse meio, o Islã está inserido nesse estigma, em que a religião é tida como perigosa, violenta, extremista, fanática e rígida.

Dos 696 casos analisados pelo MRB, foi concluído que 73% destes envolviam mulheres. Outros estudos, tais como o elaborado pelo ENAR (2015), o do CCIB (2014), o relatório de Ayhan Kaya (2007) e o do EIR (2015) também concluíram que as principais vítimas dos crimes islamofóbicos são as mulheres. Alguns fatores são explicativos para as disparidades entre homens e mulheres. Um deles é a questão da aparência, mais precisamente, as vestimentas muçulmanas. Segundo o EIR (2015, p. 65):

A revisão da natureza e escala da Islamofobia na Bélgica em 2015 indica que as práticas anti-Muçulmanas afetam e prejudicam desproporcionalmente as mulheres, e em menor extensão, pessoas jovens. As mulheres Muçulmanas Belgas são visadas em particular devido à sua aparência muçulmana.

Além da questão das vestimentas, outra interpretação é dada pela questão de que as mulheres são constantemente vistas como naturalmente inclinadas a dar vida a novos muçulmanos, sendo responsáveis por reproduzir certos grupos terroristas associados com o Islã (ENAR, 2015).

Não há dúvidas de que as mulheres são mais visadas devido aos seus trajes. Uma pesquisa envolvendo empregos concluiu que 44% dos empregados concordam que usar um véu ou lenço pode influenciar a seleção dos candidatos para um trabalho (ENAR, 2015). Certamente, os trajes muçulmanos influenciam nas taxas de desemprego. As mulheres Turcas são as que mais sofrem com o nível de desemprego (35,8%), seguidas das Marroquinas (25,3%). As muçulmanas estão acima do nível nacional de desemprego (8,3%) e também num nível mais elevado quando comparadas às mulheres belgas (9,9%) (ENAR, 2016).

Casos envolvendo o ambiente de trabalho são os mais comuns. Um estudo conduzido por Baert (2015) buscou analisar a discriminação nesse contexto. Um total de 376 ofertas de empregos foram respondidas com apenas dois perfis idênticos. Entretanto, cada perfil continha uma pequena diferença: o nome. Alguns currículos tinham um nome mais belga enquanto outros possuíam um mais turco. Os resultados obtidos indicaram que os candidatos turcos precisam enviar duas vezes mais currículos para chegar ao mesmo número de entrevistas que

um belga. Essa situação evidencia a discriminação que pode ocorrer tanto no acesso ao emprego ou até mesmo na área de trabalho.

Em Junho de 2011, foi aprovada uma lei federal na Bélgica proibindo esconder o rosto em público. A lei visava banir qualquer vestimenta que pudesse esconder a identidade da pessoa em lugares públicos. Em outros termos, a lei proibia o uso da burca. A questão da proibição da burca é dúbia. Por um lado, ela toca no cerne do Estado belga que é neutro e laico, ou seja, deveria permitir a liberdade da prática religiosa, por outro, na proibição do uso de símbolos religiosos, afetando em particular o Islã e as mulheres muçulmanas. Banir a burca significa banir a liberdade de expressão dessas mulheres. Haspesslagh (2012, p.100) buscou analisar a lei e sua legitimidade através da perspectiva europeia dos Direitos Humanos. Uma de suas interpretações sobre a lei denota que, apesar da mesma possuir legitimidade e de ter sido formulada em termos neutros, visando que o Estado é laico, a sua adoção está diretamente ligada a questões anti-muçulmanas:

A lei estigmatiza ainda mais essas mulheres e o islamismo em geral. Especialmente quando se leva em consideração a recente tendência de islamofobia presente na Bélgica e nos países europeus. É, pois, muito lamentável que o Governo belga adote determinada medida legislativa

Um dos casos de maior repercussão midiática ocorreu no dia 15 de outubro de 2015, quando uma estudante belga chamada Silke Raats decidiu fazer um experimento social, onde usou um lenço durante o período de 10 dias. Raats postou em suas redes sociais uma foto sua usando o lenço e as reações demonstraram uma forte presença da islamofobia: a estudante fora ameaçada e alguns ainda sugeriram que ela deveria ser mandada para a Síria, além de ter sido acusada de terrorista. A jovem resolveu fazer o experimento para sentir em sua pele a forma como as mulheres muçulmanas são percebidas na Bélgica. A consequência desse experimento provou ainda mais que existe uma relação direta dos crimes islamofóbicos com as vestimentas femininas do Islã (ELJAFUFI, 2015).

A islamofobia contra mulheres se configura de diversas formas. Šeta (2016) ressalta que a violência racista ocorre geralmente “off-line”, ou seja, fora das redes sociais e dos meios de comunicação. O fenômeno ocorre em lugares como transportes públicos, ruas, mercados e lojas. Locais de educação também são tidos como propícios a casos islamofóbicos. Um caso ocorrido com trinta garotas muçulmanas, no dia 29 de maio de 2015, é um exemplo claro de discriminação em um ambiente acadêmico. O episódio ocorreu na cidade de Bruxelas, quando

estudantes muçulmanas foram barradas de entrarem na escola por estarem vestindo saias longas. A justificativa dada pela escola era de que a saia remetia à simbologia islâmica, contrariando então ao princípio da neutralidade religiosa (TUNAKAN, 2015).

A mídia é um fator que contribui com a propagação do discurso islamofóbico. A imagem da mulher muçulmana não é preservada. Os meios de comunicação por vezes reproduzem a mulher islâmica como oprimida pelos homens, subjugadas e dominadas (ŠETA, 2006, p. 21): Elas não são entendidas como seres humanos em exercício de suas religiões. O discurso é reproduzido sem levar em conta que essas mulheres têm contextos históricos e culturais diferentes. Essas não são tidas como sujeito ativo, apenas como sendo sujeito passivo. Não é dada nenhuma voz para que elas falem por si, pelo contrário, mais estereótipos e estigmas são criados, muitas vezes a partir de falas que buscam universalizar, abstenendo-se dos atributos pessoais de cada uma dessas mulheres.

Uma das análises obtidas por Šeta (2016) foi a de que a violência contra mulheres muçulmanas envolve sexismo. O que confirma essa relação são os tipos de ataques por elas enfrentados. De acordo com a autora, a maioria dos casos envolve um “mix de insultos e gestos racistas e sexistas”. As mulheres são frequentemente chamadas por nomes sujos, que depreciam sua imagem. Um fator importante é que os que cometem os crimes são em sua maioria homens, evidenciando uma dinâmica de gênero. Segundo Šeta (2016, p 26):

A visibilidade da religião, através de roupas percebidas como religiosas, tem um papel central, desencadeando comportamentos racistas que são baseados em um viés anti-muçulmano. As mulheres muçulmanas são vistas como “representantes visíveis” de uma religião, mas os perpetradores escolhem focar nelas mais provavelmente devido à percepção de sua grande vulnerabilidade ligada ao seu gênero.

Todas essas interpretações acerca da mulher muçulmana são refletidas em atitudes xenofóbicas e discriminatórias, criando um impacto negativo em suas vidas. Estas mulheres sofrem nos mais diversos aspectos, seja no âmbito profissional, com falta de oportunidades e empregos para as mesmas, como no campo pessoal, incidindo diretamente sobre sua autoestima. De uma forma ou de outra, a islamofobia acaba gerando isolamento, exclusão e medo.

Hasan (2012) afirma que uma das importantes características da Islamofobia é que o Islã é caracterizado como misógino e opressivo às mulheres. Šeta (2016, p. 28) observa que “as vozes dessas mulheres são silenciadas, nenhum crédito é dado a elas e, elas raramente são

convidadas para falar por elas mesmas”. O Islã é interpretado como uma religião que oprime e subjuga o sexo feminino e as vestimentas passam a ser o contrário de liberdade, sendo impossível de considerá-las como uma opção da própria mulher, apenas como uma forma de constrangimento. Essa ideia fortalece o argumento da islamofobia: de um lado, a mulher muçulmana que usa véu por ser dominada, do outro, a mulher ocidental, que possui a liberdade de vestir-se como quiser. Logo, o Islã é reconhecido como uma religião negativa para a mulher, pois a comprime de diversas formas.

Bjoernaas (2015, p.81) critica a interpretação do feminismo ocidental sobre o Islã, afirmando que "o entendimento de que o Islã oprime e subjuga as mulheres aos homens torna a Islamofobia um fenômeno auto-justificativo", e que é justamente essa interpretação errônea que faz com que as "mulheres muçulmanas passem a serem vistas como uma população que necessita de uma 'irmandade global' conduzida pelas feministas ocidentais." As muçulmanas são colocadas em posições de vítimas (quando não consideradas terroristas violentas), desconsiderando que estas têm escolhas e princípios. Em suma, esse discurso propagado pelo feminismo ocidental em muito contribui com a disseminação do preconceito religioso. Segundo Bjoernaas (2015, p 81):

As práticas peculiares do Islã em respeito às mulheres, tem desde sempre sido parte de uma narrativa ocidental que destaca a inferioridade do Islã. Na situação atual do ocidente, o princípio de que o oriental é o 'outro', prepara o uso da linguagem feminista para justificar a islamofobia.

A retórica do uso do véu reside na mulher como submissa. A linguagem feminista ocidental enxerga na proibição de seu uso como uma forma de salvação a essas mulheres. Todavia, essa proibição para as muçulmanas representam muito mais uma forma de privação do seu direito de liberdade do que um resgate. Hasan (2012) critica as teorias feministas ocidentais por depreciarem os ensinamentos do Islã, e argumenta que, talvez, essa abordagem não seja a mais correta para lidar com a opressão de gênero nas sociedades muçulmanas. Uma pesquisa conduzida pela Anistia Internacional (2012), realizada com belgas, concluiu que 70% deles acreditam que as mulheres muçulmanas são objetos de dominação masculina, principalmente por seus maridos. O que é problemático nessa visão é que a voz da mulher muçulmana é silenciada, e esta acaba não tendo oportunidade de expressar sua própria opinião. Mais uma vez, ela é estereotipada, colocada dentro de um quadro de análise limitado.

O uso do véu é passível de várias interpretações. Para a mulher muçulmana, ele pode representar beleza e liberdade. Entretanto, a narrativa ocidental que se atribui ao mesmo é uma de opressão e domínio masculino. A análise do uso do véu depende de quem o descreve e com que finalidade. Spivak (1988) defende a necessidade de questionamentos acerca de quem pode falar por quem e para que fim. Surge então a questão: "podem as feministas ocidentais falarem sobre as mulheres muçulmanas?". A resposta para essa pergunta é dada nas críticas do Feminismo Pós-Colonial ao Feminismo Ocidental: as mulheres turcas muçulmanas não podem e não devem ser universalizadas dentro de conceitos ocidentais, pois esta não é sua realidade. Apesar de viverem na Bélgica ou até mesmo terem nascido lá, elas não perdem as suas raízes culturais. Tampouco os seus contextos históricos. O que elas precisam é de uma representatividade que as entenda como elas de fato são. Elas precisam de voz... De suas próprias vozes.

4.1 Questionário Online

Com a finalidade de dar voz às mulheres belgas turcas, que são por vezes marginalizadas e têm suas vozes silenciadas, foi elaborado um questionário online para melhor analisar a questão da islamofobia na Bélgica. O objetivo do questionário era permitir que essas mulheres falassem por si, expressando suas opiniões acerca do assunto. O questionário foi respondido por 15 mulheres com idades entre 18 a 34 anos. Foram elaboradas 7 questões e estas buscaram entender se de fato existe um sexismo na configuração da islamofobia na Bélgica.

O gráfico a seguir representa a diferença de faixa etária entre as mulheres entrevistadas, sendo a mais nova com 18 e a mais velha com 34 anos. Uma observação dada por uma das entrevistadas acerca da pequena diferença entre as idades é que, por ter sido elaborado na língua flamenca, muitas mulheres mais velhas não são capazes de compreender o idioma. O Gráfico 2 buscou delimitar a idade das entrevistadas. Abaixo estão idades, variando entre 18 a 34 anos. Os números e percentuais correspondem à quantidade de mulheres com as respectivas idades.

Hoe oud ben jij? (15 respostas)

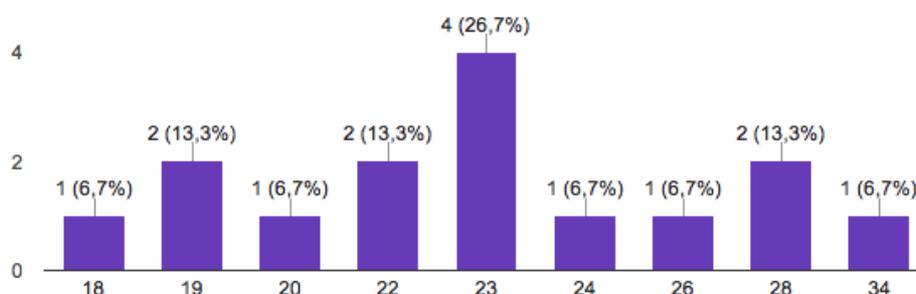


Gráfico 2- Qual a sua Idade?

Fonte: Elaboração própria.

A segunda questão buscou limitar geograficamente em qual cidade estão localizadas as entrevistadas. No total, 5 cidades diferentes foram citadas: cinco delas são de Beringen, três de Genk, duas de Hasselt, duas de Heusden-Bilzen, duas de Maasmechelen e uma de Tongeren. Todas essas cidades estão localizadas na província de Limburgo, região de Flandres.

Analisando também as diferenças entre as gerações de mulheres turcas na Bélgica, perguntou-se se elas percebiam mudanças entre a geração mais jovem e as mais velhas. Caso a afirmação fosse positiva, foi pedido para que se esclarecesse em quais circunstâncias. Das 15 mulheres entrevistadas, 14 afirmaram que percebem diferenças. As respostas indicaram que as mulheres mais jovens estão mais integradas à cultura belga, seja em relação ao idioma ou até mesmo à forma de se vestir.

“Em termos de cultura, houve mudanças. Nosso comportamento diante aos belgas mudou. Nosso estilo de se vestir é bastante similar ao belga, mas simultaneamente islâmico. Outro fator é o idioma, ele está bem melhor”. (23 anos, Beringen)⁸

Outro ponto observado foi em relação à educação. Uma jovem de 23 anos, que mora em Hasselt, respondeu que “as jovens turcas são mais integradas por conta das escolas”. A relação da geração mais jovem com a educação na Bélgica mudou. A primeira e a segunda

⁸ Por questões de sigilo, foi garantido o anonimato das entrevistadas.

geração de mulheres turcas tiveram pouco acesso às escolas ou universidades. Isso se deve ao fato de que o idioma representava uma barreira:

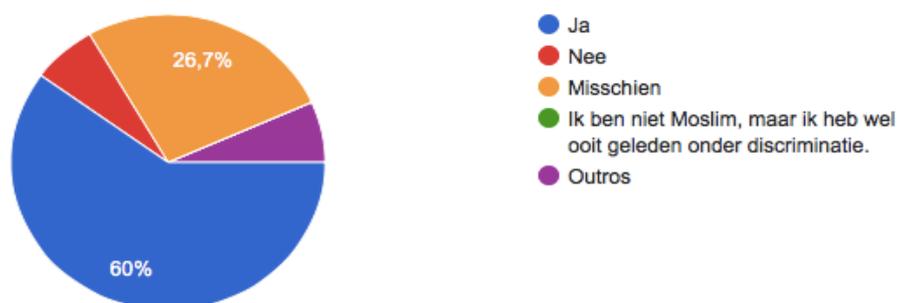
“Hoje em dia, os jovens têm mais necessidade de estudar, diferente do que os idosos fizeram quando mais novos”. (19, Genk)

A liberdade foi um ponto também mencionado. Um total de 4 entrevistadas indicaram que houve mudanças nesse sentido, levando a concluir que hoje em dia, a questão da liberdade das mulheres belgas turcas é mais ampla do que nas gerações anteriores. Uma jovem de 20 anos, de Tongeren, respondeu que a “a geração atual tem mais liberdade, e há direitos para todas”. Outra percepção foi a da mulher belga turca como mais emancipada, representada na fala de uma jovem de 24 anos, da cidade de Genk: “As mulheres mais jovens são mais ousadas e podem defender-se melhor do que a geração mais velha.”.

Ao serem indagadas sobre já terem sofrido algum tipo de preconceito por serem muçulmanas, 10 das mulheres entrevistadas confirmaram que já foram vítimas de islamofobia. Por outro lado, 4 responderam que talvez já tenham sido vítimas, enquanto que apenas 1 afirmou nunca ter sofrido nenhum preconceito em relação à sua religião. O Gráfico 3 buscou saber se essas mulheres já sofreram algum preconceito por serem muçulmanas:

Gráfico 3 - Você já sofreu algum tipo de preconceito por ser muçulmana?

Heb je ooit geleden onder het feit een Moslim te zijn? (15 respostas)



Fonte: Elaboração própria

Tradução em português para a frase "*Heb je ooit geleden onder het feit een Moslim te zijn?*": "Você já sofreu algum tipo de preconceito por ser muçulmana?". *Ja*: sim/ *Nee*: não/ *Misschien*: Talvez/ *Ik ben niet Moslim, maar ik heb wel ooit geleden onder discriminatie* : Eu não sou muçulmana, mas eu já sofri alguma discriminação.⁹

As mulheres foram questionadas sobre a forma como enxergam a relação entre o Islã e o país hospedeiro. Das respostas obtidas, 11 indicaram uma percepção negativa. Fatores como desrespeito e intolerância foram os mais citados. Uma jovem de 23 anos, da cidade de Hasselt, afirmou que "nem todos aceitam o Islã na Bélgica". Essa visão é compartilhada por outra mulher, de 20 anos: "os belgas têm uma visão racista dos muçulmanos". A relação entre o Islã e a sociedade belga é vista como negativa e configura-se como um problema:

"Com o Estado não há problema, pois a Bélgica é um país democrático. Eu creio que nós poderíamos viver juntos mais facilmente, mas há muita falta de respeito e muita intolerância na sociedade, infelizmente." (23 anos, Beringen).

"A sociedade quer que nós vivamos nossa religião somente em nossa própria casa, sob quatro paredes". (28 anos, Heusden-Zolder).

Essa atitude ilustra a questão islamofóbica no país. Os muçulmanos são interpretados a partir de uma visão ocidentalista, ou seja, entendidos e subjugados a partir de juízos de valores que os veem como inferiores, violentos ou extremistas. É claro que nem toda a sociedade os entende dessa forma, mas é impossível negar a presença crescente de uma xenofobia no país. Ayhan Khaya (2007) observou que há uma contradição nas afirmações entre os Belgas-Turcos, e que estes apresentam muitas diferenças em seus discursos. Das mulheres entrevistadas no questionário, 4 delas acreditam que a relação entre a Bélgica e o Islã é positiva:

"Eu vejo a relação da minha religião na Bélgica como positiva. Eu posso expressar a minha crença no país e sou muito grata por isso". (24, Genk)

"Até agora eu nunca experimentei nenhum tipo de problema. Eu nasci e cresci aqui e creio que em qualquer situação, as culturas e religiões podem se ajustar". (23, Maasmechelen)

⁹ Em relação a opção "outros", escolhida por apenas uma das entrevistadas, a resposta dada foi a que o preconceito era sentido apenas na procura por emprego, devido ao uso do véu. Entretanto, essa resposta configura-se na opção que indica que já houve algum tipo de preconceito, considerada então como afirmativa. Por isso, o total de 66,7%, diferente do gráfico acima apresentado.

Todavia, a percepção que prevalece é que há pouco respeito ao Islã e aos seus seguidores:

Nós somos discriminados e há muito racismo. (19, Beringen)

Eu não sou aceita por quem eu sou. (19, Genk)

Lamento que as pessoas pensem tão negativamente sobre o Islã, e acima de tudo, que nos associem ao Estado Islâmico. A mídia polui nossa religião. (18, Beringen)

Com o objetivo de entender se de fato há uma configuração do sexismo em crimes islamofóbicos, as mulheres foram indagadas com a seguinte questão: “Você acredita que as mulheres enfrentam mais problemas que os homens? Se sim, em quais situações precisamente?”. Das 15 mulheres entrevistadas, 13 responderam que sim, representando 86,6%. Das que acreditam que as dificuldades são desiguais entre os sexos, 7 destas citaram as vestimentas como um problema:

As mulheres que usam o véu em público são criticadas mais rapidamente do que homens andando por aí com uma barba. (23, Maasmechelen)

É muito difícil para as mulheres encontrar um trabalho onde possa usar o seu lenço. (26, Maasmechelen)

As mulheres sofrem muito preconceito nas escolas, principalmente devido ao uso do lenço. (23, Hasselt)

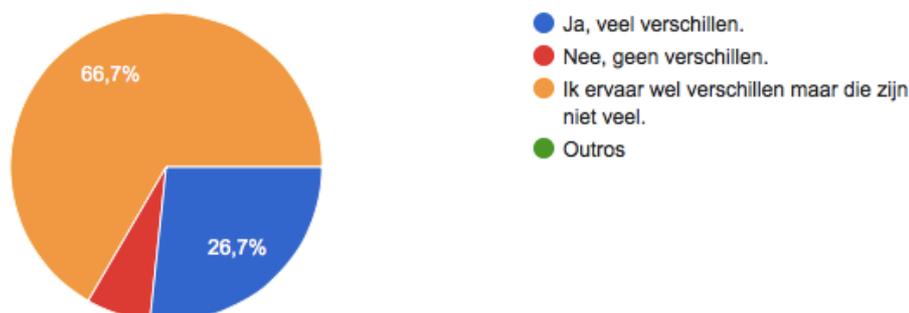
A problemática envolvendo as vestimentas muçulmanas femininas é mais uma vez ressaltada: o uso do véu torna as mulheres mais fáceis de serem identificadas e, portanto, as torna alvos em potencial. A retórica do uso do véu ou lenço está ligado ao ideal ocidental de que este é uma representação da opressão e dominação das mulheres muçulmanas pelos homens. Hamel (2005) entende que "o uso do lenço têm sido interpretado por alguns movimentos feministas como o símbolo de uma submissão feminista e violência sexista". A percepção muçulmana no que tange o uso do véu não é levada em conta. Em suma, a opinião da mulher muçulmana é desconsiderada:

As mulheres, quando colocadas em situação onde precisam dar suas opiniões, enfrentam maiores dificuldades que os homens.”(19, Beringen)

A última pergunta buscou considerar se existem diferenças entre o estilo de vida das belgas e o das belgas turcas. Das respostas obtidas, 10 indicaram que percebem diferenças, mas que estão não são muitas, 4 responderam que percebem muitas diferenças, enquanto que apenas uma afirmou não sentir nenhuma diferença quanto ao estilo de vida. Dessa forma, 14 mulheres belgas turcas enxergam divergências entre sua forma de vida e a de sua sociedade hospedeira. O Gráfico 4 indica que na cor laranja estão as mulheres que percebem diferenças quanto ao estilo de vida, mas que estas não são muitas. A cor azul representa as mulheres que percebem muitas diferenças entre os dois estilos de vida. A cor vermelha corresponde ao número de mulheres que afirma não perceber nenhuma diferença.

Gráfico 4 - Você percebe diferenças entre seu estilo de vida e o estilo de vida da sociedade

Ervaart u verschillen tussen uw lifestyle en die van uw gastmaatschappij?
(15 respostas)



hospedeira?

Fonte: Elaboração própria

Tradução em português para: “*Ervaart u verschillen tussen uw lifestyle en die van uw gastmaatschappij?*”: “Você percebe diferenças entre o seu estilo de vida e o da sua sociedade hospedeira?”/ *Ja, veel verschillen*: Sim, muitas diferenças/ *Nee, geen verschillen*: não, nenhuma diferença/ *Ik ervaar wel verschillen maar die zijn niet veel*: Eu percebo diferenças mas estão não são muitas.

Os resultados obtidos com o questionário assemelham-se ao que Ayhan Khaya (2007) concluiu durante sua pesquisa: dentre os principais problemas enfrentados pelos turcos na Bélgica, 32% deles são relacionados a discriminação, enquanto que 29% deles são devido ao

racismo. O desrespeito à religião representa 15% desses problemas. Entretanto, observou-se que há uma diferença em relação às regiões. Enquanto que os turcos em Flandres consideram a discriminação e racismo como os principais desafios, os turcos, em Bruxelas citam a contradição entre valores religiosos e morais como o mais importante deles, diferentemente dos que moram na região da Valônia, que veem o desemprego como o maior obstáculo. Apesar das contradições nas respostas obtidas, é importante frisar que todos esses aspectos estão interligados: discriminação, racismo, contradição de valores morais, desrespeito à religião e à cultura turca e o desemprego. Todos esses são consequências da maneira pela qual os belgas-turcos são percebidos pela sociedade hospedeira.

Figura 1 – Resultados do Estudo de Ayhan Khaya (2007)

**Table 16. What is the primary problem you face in Belgium?
(Multi response, by region)**

Mentioning	Flanders	Wallonia	Brussels	Total
Belgium				
Discrimination (Being treated as an alien)	35 %	25 %	31 %	32 %
Racism	34 %	27 %	20 %	29 %
Unemployment.....	27 %	34 %	27 %	28 %
Contradictory moral values.....	19 %	21 %	35 %	24 %
Lack of Dutch/French language	15 %	18 %	13 %	15 %
Disrespect to our religion	18 %	10 %	13 %	15 %
Disrespect to our Turkishness	13 %	3 %	12 %	11 %
We are unable to protect our language and culture.....	10 %	9 %	12 %	10 %
Loneliness and non-communication.....	7 %	13 %	10 %	9 %
Widespread drug use	8 %	10 %	6 %	8 %
Poverty	6 %	1 %	3 %	4 %
Exploitation of our labour.....	5 %	3 %	2 %	4 %
No reply	5 %	26 %	15 %	13 %

Fonte: A Bridge or a Breach between Turkey and the European Union? 2007.

O que se pode concluir do questionário aplicado para a realização desta pesquisa é que de fato existe uma presença da islamofobia na região de Limburgo na Bélgica, principalmente contra mulheres. Dessa forma, a relação entre crimes islamofóbicos e sexismo é confirmada: as mulheres são os alvos em potencial, tanto devido às interpretações de suas vestimentas quanto à percepção de sua vulnerabilidade. Estas encontram mais desafios que os homens: são discriminadas mais facilmente e encontram menores oportunidades. A opinião destas não é levada em conta. Elas têm vozes silenciadas. A mídia pouco contribui para dar visibilidade às

mulheres. Ao contrário, é tida como um dos principais causadores de islamofobia, pois reproduz a mulher muçulmana como oprimida e subjugada, terrorista e extremista, violenta e perigosa. O uso do véu representa o ponto de maior dificuldade e contradição. A interpretação que este pode ter assume um caráter negativo, ocidental e, devido a isso, a mulher muçulmana sofre preconceito nas escolas, no trabalho, nas redes sociais, em lugares públicos e até mesmo nas relações privadas.

O questionário permitiu ouvir a opinião das mulheres belgas turcas, que mesmo nascidas e criadas na Bélgica, encontram dificuldades diárias diferentes das vivenciadas pela sociedade hospedeira. O fato de terem uma relação com o país não elimina suas raízes culturais. Portanto, as mulheres belgas turcas, mesmo tendo o caráter “belga”, não deixam de serem turcas, muçulmanas e imigrantes. Elas fazem parte de uma comunidade estrangeira de um país, ou seja, elas são “as outras”. O problema reside que o “referente”, os belgas, analisam o “desconhecido”, os turcos, através de seus próprios juízos de valor, negligenciando toda e qualquer oportunidade de permitir que o “outro” fale por si. Essa situação cria uma relação problemática que, indubitavelmente, afeta a vida das mulheres belgas turcas em diversos sentidos.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O crescente aumento dos casos de islamofobia na Bélgica deixa evidente que a população muçulmana residente no país enfrenta uma série de obstáculos. A percepção de que as mulheres são as principais vítimas desse tipo de discriminação faz com que seja necessário se pensar sobre questões de gênero, principalmente porque esse tipo de violência contra o sexo feminino tem raízes patriarcais e reproduz um discurso sexista e misógeno.

Alguns fatores explicam o porquê das mulheres serem os alvos em potencial do fenômeno. Um deles argumenta que as vestimentas femininas fazem com que elas sejam mais facilmente reconhecidas como muçulmanas. O outro ressalta que a mulher é vítima não só por sua aparência, mas também pela percepção de sua vulnerabilidade. Esse último fator em especial leva a crer que por trás da intolerância religiosa contra o Islã, há também uma fala sexista.

A mulher muçulmana é constantemente associada a uma ideia de opressão e dominação masculina e o uso do véu ou lenço é interpretado como uma simbologia dessa soberania. Todos

esses fatores criam um estigma sobre o Islã, que passa a ser visto como uma religião perversa, extremista e negativa. Esses estereótipos tornam a islamofobia um fenômeno auto-justificado, contribuindo para fortalecer ainda mais a visão da mulher oriental como inferior à ocidental.

As mulheres belgas turcas, além de sofrerem constante racismo na Bélgica, enfrentam dificuldades relacionadas ao seu sexo. Representam a maior taxa de desemprego no país e isso pode ser explicado pela retórica do uso do véu, que dificulta para que elas encontrem um trabalho ou até mesmo tenham acesso à educação. Essa situação é ainda pior devido à propagação de um discurso geral que as entende como seres submissos e necessitados de uma "salvação ocidental". O mais intrigante é que essa fala é reproduzida, desconsiderando as escolhas pessoais das mulheres muçulmanas e não dando a menor oportunidade para que elas possam falar por si.

Não há dúvidas de que as abordagens feministas foram de extrema importância para a introdução do debate sobre questões de gênero no âmbito das Relações Internacionais, assim como para o seu desenvolvimento. Entretanto, é importante frisar que há várias perspectivas sobre o feminismo e dentro dessas diferentes tipologias feministas, há uma crítica por parte das feministas Pós-Coloniais às clássicas ou ocidentais. O principal argumento defende que as feministas ocidentais utilizam o mesmo quadro de análise para todas as mulheres, universalizando-as e homogeneizando-as, sem preocupar-se com as adaptações culturais e históricas necessárias. Logo, o feminismo ocidental não seria a abordagem mais adequada para falar pelas mulheres muçulmanas, pois não as trata enquanto seres colonizados e, portanto, abstém-se de suas especificidades.

A mulher muçulmana não pode ser homogeneizada e universalizada, tratada da mesma forma que as mulheres ocidentais, pois suas necessidades são diferentes. Logo, ela precisa de voz para falar por si, uma voz que considere seu contexto histórico e cultural e suas peculiaridades. Dessa forma, a mulher belga turca precisa ser vista como colonizada, imigrante e não-branca. Em outras palavras, precisa ser analisada como uma não-ocidental dentro do ocidente.

Em suma, é importante que a mulher muçulmana possa assumir controle de sua representatividade, sendo capaz de falar por si própria. O fenômeno da Islamofobia é causado por estereótipos, provando que estes precisam ser combatidos. Enquanto existir a narrativa do uso do véu como algo opressor, estigmas acerca da submissão e inferioridade dessas mulheres irão prevalecer. A interpretação do véu para as mulheres muçulmanas é uma, para as ocidentais é outra. Essa situação traz o questionamento de "quem pode falar e por quem", fazendo então

alusão de que talvez o feminismo ocidental não seja cabível para falar sobre a situação da mulher belga turca muçulmana, porque o mesmo subestima e impede sua capacidade de expressão.

REFERÊNCIAS

AMNESTY INTERNATIONAL. **Choice and Prejudice**: Discrimination against Muslims in Europe. 2012.

ANN TICKNER, J. Gender in International Relations: Feminist Perspectives on Achieving Global Security. **New directions in world politics**, Columbia University Press, 1992.

ANN TICKNER, J.; SJOBERG, Laura. **Feminism and International Relations**: Conversations about the Past, Present and Future. Routledge Academic, 2013.

BAHRI, Deepika. **Feminims and/in Postcolonialism**. In: LAZARUS, Neil (Ed.). The Cambridge Companion to Postcolonial Literary Studies. Cambridge: Cambridge University Press, 2004. p. 199-220.

CCIB. **Factsheet**: Islamophobia. Existe-t-il une dimension sexiste dans les actes de l'islamophobie en Belgique?. Disponível em: <<http://fr.slideshare.net/CCIB/droits-des-femmes-et-dimension-sexiste-de-lislamophobie>> Acesso em: 10 dez. 2016.

COLLECTIF CONTRE L'ISLAMOPHOBIE EN BELGIQUE. **Factsheet**: Islamophobia, 2015.

ECHR. **European Convention on Human Rights**. Formally the Convention for the Protection of Human Rights and Fundamental Freedoms. Council of Europe, 1953.

EIR. **Relatório Europeu de Islamofobia**. Disponível em: <http://www.islamophobiaeurope.com/reports/2015/en/EIR_2015_FINLAND.pdf>. Acesso em: 10 dez. 2010.

EL JAFOUFI, Khalid. Belgian Girls Halts Social Experiment after Wearing a Headscarf for 10 days. **Muslim**, v.15, n.10, p.15, 2015.

EUROPEAN INSTITUTE FOR GENDER EQUALITY. **Gender Equality Index**. 2012.

ENAR. European Network Against Racism. **Forgotten Women**: National Report for Belgium. 2016.

KAYA, Ayhan; KENTEL, Ferhat. **Euro-Turks**: A Bridge, or a Breach, between Turkey and the EU. Brussels: CEPS Publication, 2005.

MISHRA, Raj Kumar. Postcolonial feminism: Looking into within-beyond-to difference. **International Journal of English and Literature**, v. 4, p. 129-134, 2012. Disponível em: <http://www.academicjournals.org/article/article1379605585_Mishra.pdf>. Acesso em: 10 out. 2014.

MOHANTY, T. **Third World Women and the Politics of Feminism**. Bloomington: Indiana University Press, 1991.

MONSHIPOURI, M. **O Mundo Muçulmano em uma Era Global: a Proteção dos Direitos das Mulheres**. Rio de Janeiro, vol. 26, n.1, janeiro/junho 2004, pp. 187-217.

NOGUEIRA, João Pontes; MESSARI, Nizar. **Teoria das Relações Internacionais: Correntes e Debates**. Rio de Janeiro: Elsevier Editora Ltda, 2005.

PEREIRA, M. E. **Psicologia social dos Estereótipos**. São Paulo: E.P.U, 2002.

SAID, Edward. **Orientalism**. New York: Vintage Books, 1978, p.3.

SERVICE PUBLIC FÉDÉRAL JUSTICE. Direction Générale de la Législation et des Libertés et Droits fondamentaux. **Belgium**. Brussels, 2004. Disponível em: <http://www.coe.int/t/dghl/standardsetting/nationality/Bulletin_en_files/Belgium%202004%20E.pdf>. Acesso em: 23 jan. 2017.

SJOBERG, Laura. **Gender and International Security Feminist perspectives**. Nova Iorque: Routledge, 2010. p.1-6

SPIVAK, Gayatri C. Can the Subaltern Speak? Speculations on Widow Sacrifice. **Wedge**, v. 7, n. 8, p. 120-130, 1985a.

SPIVAK, Gayatri Chakravorty. Imperialism and Sexual Difference. **OLR**, v. 8, n. 1, p. 225-244, 1986.

TICKNER, A.B.; BLANEY, D.L. (eds). **Claiming the International**. London: Routledge, 2013.

TUNAKAN, Begüm. After France, Muslim students in Belgium Banned from School. **Daily Sabah**, v.31, n.05, p.15, 2015.

WETS, Johan. The Turkish Community in Austria and Belgium: The Challenge of Integration. **Turkish Studies**, v.7, n.1, p. 85-100, 2006.

WORLD ATLAS. **What Is The Benelux Union?** Disponível em:
<<http://www.worldatlas.com/articles/what-is-the-benelux-union.html>>. Acesso em:
02 abr. 2017.